



Perdas e ganhos

O Espírito Santo vive o contraste de enfrentar uma tragédia diária na segurança pública, com cerca de 2 mil assassinatos por ano, um dos piores índices do país, ao mesmo tempo em que exibe altas taxas de crescimento econômico, com distribuição de renda, também em níveis superiores à média nacional.

Se o Estado conseguiu, nos últimos anos, superar a crise no setor público, marcada por corrupção administrativa, sucateamento da máquina e paralisia dos investimentos, há razões para acreditar que é possível superar também essa crise na segurança, com uma política eficaz, consistente e continuada – se não nesta administração, que já está quase acabando, pelo menos num futuro próximo.

O Anuário 2010 do Espírito Santo, publicado pela Gazeta, com coordenação do jornalista José Carlos Corrêa, mostra que, entre 2001 e 2008, o número de pobres no Estado caiu pela metade, de 32,8% da população para 15,2%. No Brasil, nesse mesmo período, a redução da pobreza foi de um terço, de 38,7% da população para 25,3%. O que também é uma ótima notícia. Mas o fato de a queda ter sido mais acentuada no Espírito Santo do que na média nacional indica que o desenvolvimento local não se deve somente ao impulso da conjuntura nacional.

Traduzindo melhor os números, eles indicam que 500 mil moradores do Estado deixaram a pobreza, sendo que 227 mil saíram de uma condição de extrema pobreza. A renda domiciliar

per capita média acumulou no período alta de 29%, em termos reais, o equivalente a uma taxa média anual de 4,1%, também superior à média nacional, de 3,7%.

“As mudanças percebidas na sociedade capixaba na primeira década do século XXI foram impactantes. O ajuste macroeconômico empreendido no Brasil, nos anos 90, e a estabilização monetária, a partir de 1994, pavimentaram o caminho para a aceleração do crescimento econômico e para a maior efetividade das políticas públicas distributivas. A inclusão social talvez tenha sido o resultado mais emblemático da conjunção de melhorias institucionais, de maior crescimento econômico e de mudanças demográficas favoráveis”, disse a economista Ana Paula Vescovi, presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, em artigo publicado no Anuário.

Sobre as mudanças demográficas, ela assinala a desaceleração dos fluxos migratórios – verificados no Espírito Santo a partir dos anos 70, principalmente, com os grandes projetos industriais –, e ainda a atual atração de imigrantes com maior escolaridade, observada no cruzamento dos dados do Anuário.

Os dados indicam o êxito do atual governo na área administrativa e na política de desenvolvimento com distribuição de renda. Com tudo isso, ele não conseguiu apresentar resultados no combate à criminalidade. Parece não ter havido para o setor uma política clara, com continuidade.

O fluxo migratório dos anos

70, com a ocupação desordenada da Grande Vitória, já foi apontado por cientistas sociais como uma das raízes da violência, que começou a atingir índices alarmantes a partir dos anos 80. A polícia afirma que hoje o tráfico de drogas é responsável por cerca de 70% dos assassinatos. As maiores vítimas são os jovens da periferia. Um problema tão complexo pode ter diversas raízes, interligadas.

O governo, no início, chegou a estabelecer uma meta de redução de 10% no índice de homicídios. Houve tentativas de buscar modelos em Diadema e na Colômbia; de se estabelecer programas de colaboração com as polícias de outros Estados, como São Paulo e Rio, além dos investimentos realizados nos presídios e na contratação de efetivo. O fato é que fracassaram as iniciativas deste governo para reduzir a violência a patamares minimamente civilizados, e agora há pouco tempo para grandes mudanças.

Espera-se que o assunto seja debatido com a devida atenção na campanha eleitoral, e que surjam caminhos para enfrentá-lo, com urgência. O Estado está perdendo essa batalha, mas existem meios para virar o jogo. O Espírito Santo já passou por outras crises de difícil superação, e recuperou a capacidade de investir e de crescer com redução da desigualdade social. Não há razões para duvidar de que seja capaz de enfrentar esse drama.